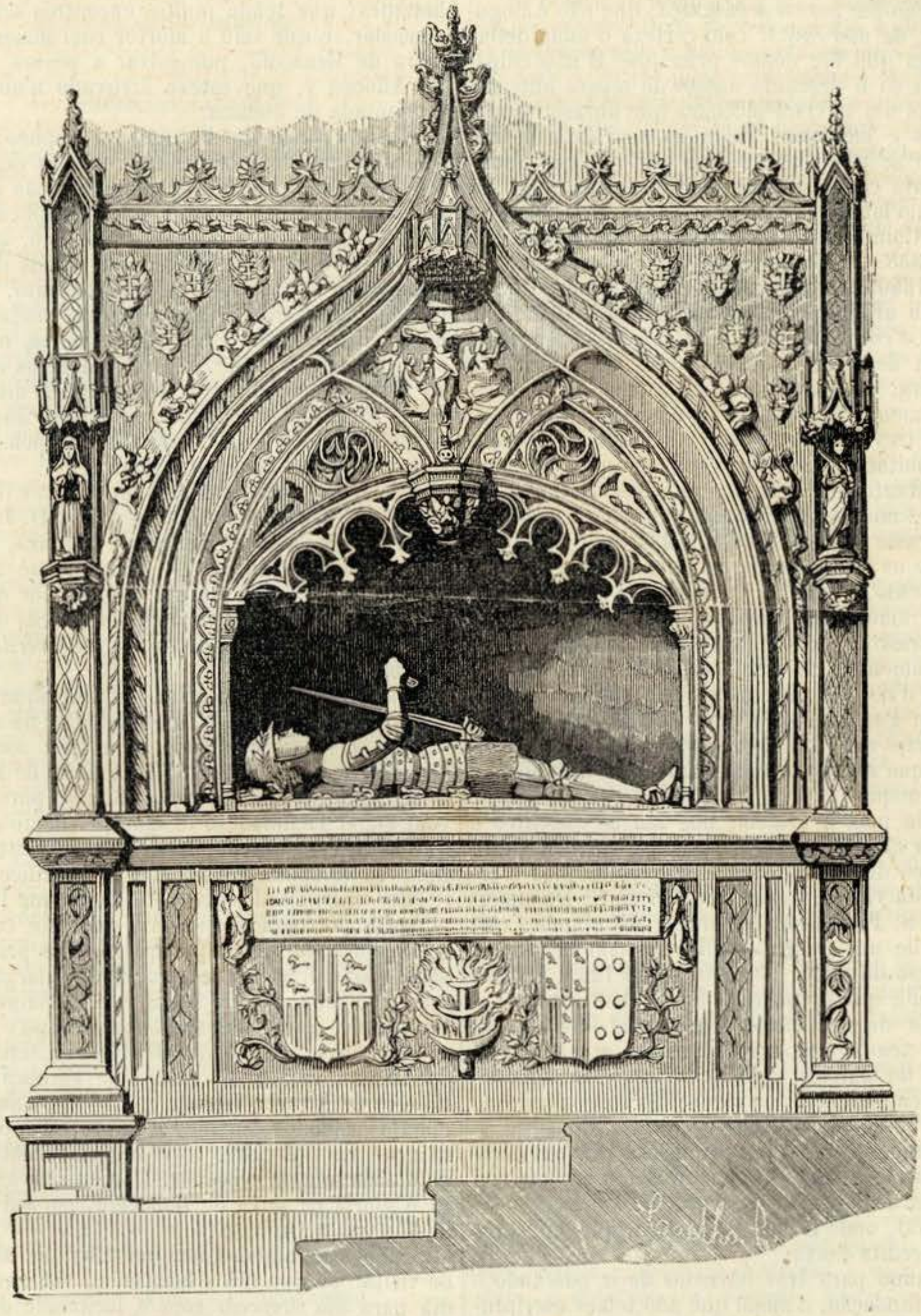


Tumulo de D. Duarte de Menezes — Desenho de Bordallo

D. DUARTE DE MENEZES

I

Se, como diz o ditado, pelo dedo se conhece o gigante, a sepultura que desenha a nossa estampa encerra apenas um dedo do mais esforçado dos conquistadores d'Africa, no seculo xv, capitaneados por el-rei D. Affonso v de Portugal.

D Duarte de Menezes, conde de Vianna, primeiro capitão e governador de Alcacer Ceguer, no imperio de Marrocos, saindo de Ceuta com D. Affonso v a rebater os mouros, foi por elles feito em pedaços, na serra de Bonacofú, de tal maneira que não se achou mais que um dedo, que a condessa sua mulher e filhos depositaram n'esta rica sepultura, erecta no cruzeiro da egreja do convento de S. Francisco de Santarem, onde se conserva por em quanto, apesar de secularisado o templo, que está servindo de aquartelamento militar.

Antes de relatarmos as façanhas d'este grande capitão d'Africa, ouçamos o que diz, do seu mausoléo, o classico e severo chronista da religião seraphica, fr. Manuel da Esperança.

« N'esta populosa villa, cujas grandes excellencias descreverão outras pennas, na ponta de uma planicie, pouco distante dos muros, temos um grave convento, que mostrando sumptuosa magestade, não

sómente é capaz de maior numero que sessenta religiosos, como tem de ordinario, mas tambem precedendo a outros mui antigos, tem o terceiro logar em dignidade na nossa santa provincia.

Aconteceu-lhe porém a desgraça, que não é singular n'elle, de não contar com certeza o anno determinado em que lhe démos principio. E não culpâmos agora só o descuido antigo de nossos antepassados, mas um terrivel incendio que abrasou quantos papeis e memorias havia no seu archivo, dos quaes não se reformaram mais que algumas escripturas, cuja copia se tirou dos livros das notas em que estavam lançadas, por carta d'el-rei D. Affonso IV, dada em Coimbra a 13 do mez de abril, anno de Christo 1338. E n'outro fogo que se accendeu no anno de 1600, tambem estas se houveram de queimar, como arderam muitos papeis mais modernos, se quando o convento acceitou a regular observancia não foram depositados no mosteiro das freiras de Santa Clara, onde achâmos muita parte dos principaes documentos que agora havemos de allegar.

D'estas trevas em que estava a fundação do convento, resultaram as noticias erradas que se deram ao bispo Mantuano; a saber, que foi de templarios, e que estes em Portugal foram extinctos, antes que n'elle entrasse a nossa religião. Mas tudo isto é falso, porque os ditos templarios nem tiveram em esta villa convento, senão na egreja de Alcaçova, nem assistiram mais n'ella que até ao anno de 1159, no qual se passaram todos ao castello de Ceras, como se vê claramente pela «Monarchia Lusitana».

Demais d'isso, já nós temos advertido como entrámos em Portugal pelo anno de 1214; e elles foram extinctos em 1311 no tempo do nosso rei D. Diniz. Pelo que não foi seu este convento, mas nós lhe démos principio.

Buscando pois a origem, nos sáe ao encontro a concordata que fez el-rei D. Affonso III, e nós ainda havemos de referir, repartindo as egrejas e ermidas d'esta villa entre o convento de S. Domingos e este de S. Francisco, em ordem aos sermões que os frades de um e outro n'ellas haviam de prégar pelo decurso do anno. Foi feita no de 1260, e quem d'ella arguiu que o convento foi fundado pouco antes, melhor dissera muito antes, pois havia grangeado por tempo bastante tão grande acceitação no particular do pulpito, que os visinhos da villa levantaram em seu favor as sobreditas contendas, que já haviam cursado, e então se decidiram. Demais d'isto, já no anno de 1251 tinha o mesmo convento edificios e horta, quando no mez de setembro um frei Vasco, não declarou de que ordem, lhe fez doação de um olival, onde dizem a *Pedreira*, que entestava com a sobredita horta.

D'este anno para trás havemos de ir buscando o tempo da fundação, e ainda que não temos escriptura que nos guie, uma tradição constante de ser el-rei D. Sancho II seu principal fundador, nos faz passar pelo anno de 1246, no qual elle foi privado do governo. Mas não podémos chegar ao de 1240 em que as emparedadas ou beatas (que são freiras agora de S. Domingos) antes de nós tomarmos casa, começaram a florecer n'esta villa. Pelo que dando a tudo inteira satisfação, no de 1232 principiámos este convento real, até se offerecer outra certeza maior.»

No capitulo que se intitula: *Varões illustres sepultados n'esta casa, e alguns epithaphios notaveis*, diz o seguinte a respeito do nosso heroe:

«Descendo agora do côro para a egreja, na capella do appellido das Almas, se ajuntou uma multidão notavel de portuguezes illustres, que por todos os caminhos ennobreceram a patria. Aqui se vê a memoria do famoso D. Duarte de Menezes, terceiro conde de Vianna, tronco dos condes de Tarouca, primeiro capitão de Alcaçar Ceguer, e raio que abrazava os exercitos de Africa. Aquelle que de dez annos já saía a suas escaramuças; que com quinhentos soldados sustentou o sobredito Alcaçar contra cem mil combatentes; que tendo muitos encontros sempre ficou vencedor, e que veiu a morrer com maior gloria na serra de Benacofú, por salvar a pessoa do seu rei D. Affonso V, que esteve arriscado n'uma invasão precipitada de mouros.

N'esta capella lhe levantaram tropheo; e não diremos sepulchro, porque não encerra dentro senão sómente um *dente* que sua mulher nas despedidas guardou. Consiste o principal do tropheo n'uma figura de pedra que o representa vivo, armado todo, deitado em uma sarça com ramos de bolotas, apunhando a espada, e coroado de louro. Não apparecem elogios, nem fallam as pedras mudas; que não podia cifrar-se, ainda em maior campo, o menor da sua gloria; mas fallarão para sempre as escripturas do reino que celebram o seu nome. A dita sua mulher, D. Isabel de Castro, se lançou aos seus pés debaixo de uma pedra, que sómente pelo brasão de seu sangue nos manifesta quem é.

Aqui o está acompanhando uma larga e illustre descendencia. Queremos dizer, seu filho D. João de Menezes, prior do Crato, conde de Tarouca, aio e mordomo mór do principe D. Affonso, que morreu em Santarem da quéda de um cavallo, por quem disse el-rei D. João II, justificando as mercês que lhe fazia: *Sirvo-me d'elle, porque me falla verdade, ainda que me desgoste.*

Seu neto, por este filho, D. Henrique de Menezes, capitão em Tanger, e governador da casa do cível em Lisboa; tão prudente na paz como valente na guerra. Seu bisneto D. João Tello de Menezes, o qual sendo embaixador em Roma, para impetrar com maior facilidade o insigne privilegio das almas, que logra esta capella, todos estes depositos de seus illustres antepassados allegou ao pontifice.»

Nos «Elogios dos varões e donas que illustraram a nação portugueza» se diz, que este tumulo não tinha epitaphio, mas que quando nos principios do seculo actual, os frades mandaram alargar e reformar a capella, se lhe escrevêra no painel anterior o seguinte, que a nossa estampa accusa:

«Memoria de D. Duarte de Menezes, terceiro conde de Vianna, tronco dos condes de Tarouca, primeiro capitão de Alcacer Ceguer em Africa, que com quinhentos soldados defendeu esta praça contra cem mil mouros, com os quaes teve muitos encontros, ficando n'elles sempre vencedor. Morreu com grande honra e gloria na serra de Bonacofú, por salvar a vida de seu rei D. Affonso V.»

Sendo este um dos monumentos que não deixam de visitar os que vão a Santarem, visitantes que de dia para dia crescem com a facilidade de transito pela via ferrea, julgâmos conveniente divulgar mais algumas particularidades da vida d'este heroe portuguez, a qual n'um volume de folio se conserva, manuscripta, na bibliotheca nacional de Lisboa. Fal-o-hemos no seguinte numero.

É muito difficultoso dar razões ao estomago, que não tem ouvidos. Desenganem-se pois todos os que tem subditos á sua conta, que se lhes não taparem a bocca, dando-lhes de comer, não lh'a poderão tapar impedindo murmurações. Governar e dar pão, são officios annexos e inseparaveis. Tanto que Christo deu pão ás turbas no deserto, logo o quizeram fazer rei.

PADRE MANUEL BERNARDES

SCENAS DA GUERRA PENINSULAR

(Vid. pag. 98)

A MENINA DE VAL-DE-MIL

VII

PRIMEIRAS LAGRIMAS

Encerrou-se o capitão-mór nos seus quartos, e poz-se a escrever para Villa-flor aos morgados de Royos. Bem se ha de presumir o que elle mandaria dizer ao futuro genro e seu pae. A partida para Lisboa implicava forçosamente o addiamento da boda, e d'isso os prevenia. Os projectos de alliança subsistiam como d'antes e mais do que nunca desejava realisal-os. As novas e incriveis occurrencias alteravam porém as tenções feitas, e os esponsaes teriam pravavelmente de celebrar-se na corte, tanto que as circumstancias o permittissem. O fidalgo fallava d'estas modificações como inevitaveis consequencias d'uma resolução que não explicava.

Fez depois o seu testamento. Sem esta precaução ninguem n'essa epocha se atirava ás setenta e tantas legoas, que se dilatam d'aquellas comarcas até á capital.

Com menos cautas disposições se váe hoje á India, e tal se embarca para montar o Cabo d'Horn, que não julga necessario precaver-se tanto. O vapor e a electricidade, conspirando contra as distancias, e pondo tudo ao pé da porta, fazem-nos sorrir d'esta excessiva circunspecção. Nossos avós estavam ainda muito longe d'esta geração andeja, e setenta legoas afiguravam-se-lhes um espaço incommensuravel, retalhado de aridos desertos e solidões profundas, povoado de trevas e mysterios, que um homem temente a Deus devia prudentemente advertir e acautelar.

Eu sou do meu seculo, e ando com elle, mas não rio d'aquellas previsões. Pois não é tudo instavel n'este mundo, e não está ahi repetidamente a morte a avisar-nos e persuadir-nos a incerteza de todos os nossos movimentos e projectos, de um para outro dia, de um para outro passo?

Ainda não luzia a manhã, mandou o fidalgo chamar o abbade, a fechou-se com elle.

— Padre — disse-lhe, em quanto este bocejava, e esfregava os olhos estremunhado — deixo-lhe a casa entregue, e este papel.

Era o testamento fechado e lacrado.

— Se nos acontecer alguma coisa, leve-o a Villaflor, e entregue-o ao doutor Montez. Elle lhe dirá o que ha de fazer. Estas cartas são tambem para lá, mas ha de mandal-as immediatamente. Toma bem sentido?

— Todo o sentido: póde v. s.ª descançar.

— Mande-me accender a banqueta da capella. Antes de partir, vamos lá fazer oração, eu e a sr.ª morgada.

— Vou já...

— Escute. D'aqui a meia hora basta. Tenho ainda que lhe dizer.

— Estou ás ordens de v. s.ª

— Sabe porque vou para Lisboa?

— Não sei nem me compete averiguar.

— Pois é preciso que o saiba. Ajudou, tanto monta, a criar a sr.ª morgada, e como a seu mestre, e pessoa de conselho, quero fallar-lhe.

— Ouvirei.

— Ignez é uma menina, e aqui não ha quem a proteja.

— Não estamos nós todos? E proteger de que?

— Do que possa occorrer.

— Que melhor protecção póde ter uma donzella do que a de seu pae?

— Assim é. Mas se eu tiver de a deixar?

— V. s.ª! Porque?

— Porque! Não ouviu as noticias do ouvidor?

— A tormenta anda longe. A nossa provincia está em socego, Deus louvado; e não é de esperar...

— Quem sabe? Está... por ora. De um momento para o outro, póde transtornar-se tudo. E se eu não estiver cá, repito? Se ella tivesse ainda sua mãe... Mas não tem, e um homem... sobre tudo um homem da minha condição e no meu estado... tem outras obrigações tambem... É bom acautelar a tempo! Se os francezes entrassem por ahi dentro!... Sabe lá o que faz a soldadesca!... E d'aquella então!...

— Que ha de fazer, se estamos em paz?

— Em paz, abbade!... com a nossa bandeira insultada, o nosso principe por esses mares de Christo, a nossa terra enxovalhada, e sabe Deus o mais que virá! Quem chama paz a isto, e quem ha de querel-a? Sou pae, mas sou portuguez.

O padre curvou a cabeça; o fidalgo continuou:

— Tenho em Lisboa uma sobrinha, casada com um desembargador. É pessoa de meu sangue, e não tenho já outra tão chegada. Vou entregar minha filha nas suas mãos. Não póde ter melhor abrigo. Que lhe parece?

O abbade reflectiu longamente. Pensava elle que esta ida á corte, na disposição de espirito em que a sua perspicacia presentia a menina, podia ser fatal aos projectos do fidalgo, relativamente ao estabelecimento d'ella. Ponderava porém ao mesmo tempo que similhantes razões agradariam pouco ao pae, e difficilmente seriam por elle apreciadas. Preferiu, portanto, oppor objecções menos directas.

— Eu sei! — respondeu — Em Lisboa... em Lisboa justamente estão os francezes.

— Pensei n'isso. Mas n'uma cidade, n'uma capital como aquella, e n'uma casa recatada, debaixo dos olhos de uma senhora de estimação, está de certo mais guardada do que n'estas terras pequenas, e em poder de criadas.

— Sempre era outra coisa ao pé de v. s.ª

— Não lhe disse já, homem, que bem podia ser que tivesse de a deixar aqui só...? Eu cá me entendo.

Via-se que o fidalgo reservava para si uma parte dos seus projectos — a mais essencial pelos modos.

— Deixal-a só — continuou estremecendo — só, e exposta aos azares que... ai! padre, que me resfria todo esta idéa! Que podia fazer... que havia de fazer com similhante cuidado e sobresalto? É caso decidido. Foi a primeira lembrança, e sempre ouvi dizer que é a melhor. Está tudo quieto, é verdade. Mas depois... lá para o diante... com a gente á sólta, e aqui tão fóra de mão! Em o fio se embrulhando, quem ha de pôr cobro... Lembrou-me deixal-a n'um convento. Mas qual? Mas onde? E depois tenho ouvido...

— Calumnias — acudiu o padre, por espirito de corporação.

— Serão. E os conventos estarão livres tambem? Não ha exemplos...? Quem sabe? Tudo incertezas. N'uma corte sempre se tem outro respeito... A jornada ha de ser comprida... É longe... mas a final é o mais seguro. O marido da minha sobrinha, pelo seu officio, anda fóra d'estas contendas. Em nenhuma parte a deixo mais descançado.

— Sendo assim...

Cedia o padre como cede quem vê a inutilidade de contrariar a resolução de uma pessoa cuja tenacidade conhece.

— Fico livre depois — proseguiu o fidalgo — e será o que Deus quizer. De caminho observo o que ha, e talvez não seja tempo perdido. Torno por aqui

breve. Na minha ausencia, cuide-me d'isto. O rendeiro de Caldebois deve um anno. Teve boas colheitas e agora póde pagar: aperte com elle. Cá lhe deixo procuração para me tratar de tudo.

— Se v. s.ª volta...

— Volto, mas de passagem. Encarrego-o da administração por um pouco de tempo. No lagar não falta nada que me lembre. Se fôr necessario alguma coisa, dê as providencias: conhece os costumes. Depois me dará contas. O murzello e o castanho rodado ficam. Vigie-m'os bem. Repare nas ferragens. Passeie-m'os de vez em quando. Hão-de-me ser precisos. Tenha-me cautela com o Estrada, bem sabe o estouvado que é.

— N'esses pontos póde ir v. s.ª sem cuidado. Olharei por tudo como se fôra meu proprio. Não é a primeira vez...

— Isso espero. Lá ouço rumor por baixo. D'aqui a pouco estamos a caminho. Agora me lembra... Póde-nos dizer missa antes de abalarmos?

— Estava para lh'o offerecer.

— Bem. Preparo-me n'um credo. Aqui tem as cartas. Ahi ficam os mais papeis. N'aquella carteira está o dinheiro. Tome a chave. Até já.

Saiu o padre para ir tratar da missa. O fidalgo, ultimadas estas disposições, só cuidou em arranjar-se para a jornada.

Pensando bem no caso, as duvidas do abbade eram bem mais prudentes do que a resolução do capitão-mór. Mas quem havia de tiral-a da cabeça a homem tal? Produzíra-lhe a primeira impressão um terror cheio de apprehensões, todas relativas á filha estremecida. Desde então não viu mais nada.

Por um lado não eram absolutamente destituidos de fundamento os receios, que o faziam tomar a precaução de ir depositar Ignez em Lisboa, e a escolha de uma parente chegada era plausivel. Por outro lado, e este era o principal, a situação da residencia, tão afastada de todo o movimento, e o amor e respeito dos visinhos melhor talvez acautelariam o perigo, que ia assim provocar.

Isto calcularia provavelmente um juizo mais esclarecido e menos obstinado. Mas eu já disse o que era o capitão-mór. Todo instincto. O instincto levava-o ás cegas.

E as tenções que occultava? Tambem essas provavelmente influiam.

A conferencia com o abbade foi, a bem dizer, um descargo de consciencia. Não podia passar sem este desabafo. Tinha elle scismado mais aquella noite do que em vinte annos da sua vida. Como não desafogaria?

A noticia da partida subita do fidalgo e da morgada fôra logo transmittida pelos familiares da casa á povoação. Era o maior alvoroço que, de muitos annos atrás, alli havia.

Quando a ermida se abriu, e a sineta deu signal de missa, já todo o povo estava á porta. Velhos, mulheres e crianças tinham madrugado, ainda mais do que o costume, para se despedirem dos amos de Val-de-mil.

Entrou tudo para ouvir missa tambem.

Não tardaram os fidalgos. O capitão-mór vinha grave e triste, a morgadinha, apesar de tudo, trazia os olhos pisados. Era uma consternação geral.

As separações inesperadas são sempre dolorosas. Toda a quebra de antigos e arreigados costumes é uma cruel violencia. Qual é a primeira ausencia que não deixa profundas saudades? Ai! custa o primeiro adeus aos sitios, aos homens e ás coisas da nossa infancia, custa devéras. Embora se diga que é por pouco tempo: penalisa como as grandes angustias. Quem sabe o futuro? O futuro a Deus pertence! Parece que se principia outra vida.

Assistiu o fidalgo ao santo sacrificio com recolhimento e devoção maiores que o ordinario, e não é dizer pouco em homem tão sinceramente christão. Desentranhava-se-lhe a alma em supplicas ardentes pela filha e pela patria. Por qual primeiro? Nem elle sabia.

Era bello ver alli contrito e humilde aquelle typo de força e orgulho!

Havia lagrimas em muitos olhos. Nenhum dos circunstantes daria a razão. Muitos allegariam presentimentos. De que? Fossem lá advinhal-o...

O mesmo abbade, nada propenso a ternuras, pronunciou o: *Orate, fratres* com voz mal segura; e quando, acabada a missa, pediu as *Avè Marias* pela boa jornada dos fidalgos, e socego do reino, mastigou as palavras de modo que mal se lhe percebiam.

Poucas vezes se terá rezado com tão piedoso fervor como n'aquella occasião, e poucas solemnidades poderiam ser mais agradaveis a Deus do que esta missa matutina, ouvida por uma povoação rustica, n'aquella ermidinha desornada. Ia jural-o!

O capitão-mór e a morgada voltaram ainda a casa para tomar alguma refeição. Estava já tudo prompto.

Era a manhã cerrada de nevoa. Os cavallos escarvavam impacientes a terra. A matilha dos cães, presos á trella, e fechados na colmada, uivava lugubremente.

Á saída apinhava-se a gente no pateo. Ignez, póde dizer-se, foi levada ao collo das mulheres, que se desfaziam em exclamações chorosas. Os velhos do logar rodearam o fidalgo, e o mais ancião, quasi centenario, pediu-lhe licença para o abraçar em nome de todos.

Não sei eu de coração empedrenido, que podesse resistir ao pathetico ingenuo d'esta scena singelamente amoravel.

O capitão-mór apressou as despedidas por já não poder. Mettendo o pé no estribo, balbuciou com magoa mal reprimida:

— Eu volto, filhos eu volto.

Tinha um nó na garganta: deu de esporas, para disfarçar a commoção.

Pouco depois, a cavalgada seguia a ladeira da encosta, e o lenço branco de Ignez acenava de longe á boa gente, que se não fartava de pedir a Deus pela sua linda menina de Val-de-mil.

Tinham todos bem razão para pedir, tinham!

O Alegre, tudo era voltar-se, e mirar, e remirar, como se não podéra apartar os olhos das suas serras, que nunca tão bem lhe tinham parecido.

Além d'ellas, era um mundo novo!

MENDES LEAL JUNIOR

O TEXUGO

É vulgar dizer-se de uma pessoa obesa, está gordo como um texugo. Mas poucos saberão que animal é este. Dil-o-hemos.

O texugo pertence ao grupo dos animaes carnivoros, e á familia dos plantigrados, isto é, que andam sobre a planta dos pés. É genero mui visinho do urso, com o qual Linneo reuniu o texugo.

Tem este animal o feitio de raposa, porém é mais baixo, por ter as pernas muito curtas. As unhas, principalmente as dos pés dianteiros, são muito compridas e rijas, o que lhe facilita abrir a terra, e penetrar por ella dentro, deitando para traz de si o entulho da escavação, que sempre faz tortuosa e obliqua, levando-a extremamente longe, por ser este o unico meio que tem de defesa, visto não poder escapar fugindo dos cães, que são os seus maiores ini-

migos. A pelle é coberta de cerdas brancas e pretas, tão asperas, que d'ellas se fazem escovas e pinceis.

Este animal é amicissimo de mel, pelo que anda sempre á cata das colmeias, e desenterra os ninhos das abelhas silvestres. Por isso Linneo lhe chamou *ursus meles*, como quem diz, *urso meleiro*.

O mesmo naturalista descrevendo este quadrupede exprime-se n'estes termos:

« O texugo é animal preguiçoso, desconfiado, solitario; retira-se para os bosques e logares ermos, e faz casa subterranea. Foge de companhia e da luz, e passa tres quartas partes da sua vida a dormir. Quando sáe é para buscar de comer. »

Com tal vida, como não ha de o texugo ser gordo?

PROCISSÃO DO CORPO DE DEUS

SUA ANTIGUIDADE E COM QUE ACOMPANHAMENTO E FIGURAS SE TEM FEITO EM LISBOA, DESDE O TEMPO DEL-REI D. JOÃO I

A festa do Corpo de Deus foi instituida para dar a Jesus Christo culto particular no Santissimo Sacramento, porque os dilatados officios, e cerimonias funebres de quinta feira maior, não dão logar para a celebridade d'este sacrosanto mysterio. Urbano IV foi o pontifice, que no anno de 1264 determinou, para esta eucharistica solemnidade, a primeira quinta



O texugo

feira depois da festa da Santissima Trindade. Diz certo historiador francez, que o bispo de Liege, na Alemanha baixa, já antes da assumpção de Urbano IV ao pontificado, havia instituido na sua diocese esta festa, e que depois o dito pontifice a instituira com bulla particular, a qual por causa das guerras dos guelfos e gibelinos, que n'aquelle tempo perturbavam a egreja romana, não teve effeito; mas no concilio geral de Vienna, celebrado no anno de 1311, no pontificado de Clemente V, na presença dos reis de França, Inglaterra, e Aragão, foi a dita bulla confirmada, e publicada em toda a egreja catholica.

No anno de 1316 o papa João XXII, para estender esta celebridade, acrescentou-lhe outavario, e mandou que em procissão se levasse publicamente o Divino Sacramento. Por ordem de Urbano VIII, o doutor angelico S. Thomaz, que então estava lendo theologia na cidade de Orviedo, compoz o officio que no dia d'esta festa se reza, mas primeiro que na egreja universal se rezasse, na egreja leodience se rezava outro composto por um monge cisterciense, que ainda hoje se conserva no cartorio de Liege.

Foi esta a origem da procissão; agora vejamos como d'antes se fazia em Portugal.

As noticias impressas, mais antigas que nós conhecemos da procissão de *Corpus*, são: O regimento de Coimbra, de 1517, publicado por J. Pedro Ribeiro no t. 3.° das *Dissertações Chronologicas*, e a narrativa que o sr A. Herculano fez no *Monge de Cister*, referida ao anno de 1484, reinado de D. João II. E posto que esse *auto* se passasse em Setubal, o douto historiador nos disse que se tinha servido do regimento da procissão de Lisboa, que achára no archivo da camara d'esta cidade, o qual condizia, pouco mais ou menos, com o de outras terras do reino.

Ahi podem os amadores das nossas antiguidades ver qual era o burlesco acompanhamento da procissão do Corpo de Deus no seculo XV.

Mas onde, mais por menor, se acha a noticia do ultimo acompanhamento d'esta procissão, é no *Novo regimento para o governo da mesa da bandeira de S. Jorge, fundada nas cartas, alvarás e lembranças do antigo regimento que se queimou pelo terremoto de* 1755, o qual se conserva no archivo da camara de Lis-

boa, e foi pelos seus habeis archivistas publicado em 1857.

Ahi se diz que tendo el-rei D. João I invocado S. Jorge na gloriosa e memoravel batalha de Aljubarrota, em opposição aos castelhanos que invocavam S. Thiago, o monarcha triumphante reedificára o castello de Lisboa, debaixo do patrocinio d'este invicto martyr e alferes da egreja catholica, nomeando-o por seu titular. Que toda sua vida trouxera este rei a insignia e divisa da ordem militar de S. Jorge, e a mandára esculpir nas suas armas; ordenando que o dito santo fosse na procissão do Corpo de Deus, a cavallo, sendo a primeira vez que isto se executou, no anno de 1387.

Quando D. João I creou a Casa dos Vinte-e-quatro do povo de Lisboa, se instituiu a bandeira ou estandarte de S. Jorge, composto dos officios que trabalhavam com ferro e fogo, que eram: Os barbeiros de guarnecer, vulgarmente chamados espadeiros, e os de barbear, que eram os cabeças da bandeira; tendo annexos os serralheiros, ferreiros, ferradores, batefolhas, bainheiros, coronheiros, selleiros, fusteiros, latoeiros de fundição, fundidores de cobre, latoeiros de martello, e os de folha branca, douradores, cuteleiros e frieiros.

Havia tambem outros officios embandeirados, mas com invocação de diversos santos.

A cargo da bandeira de S. Jorge, porém, é que estava a principal figura da procissão do Corpo de Deus, que era o santo martyr e o seu pomposo estado.

Eis como no citado regimento se regula este encargo.

« Oito dias antes da procissão do Corpo de Deus da cidade, porão promptos cinco pretos armados com as insignias do santo, e com seus clarins, tambores e pifano, e os levarão ás cavalhariças de s. m., aonde farão tocar os tambores junto ao cavallo em que o santo houver de montar, e aos do seu estado. Na vespera do dito dia lhe repetirão a mesma diligencia, em companhia dos mordomos da mesa espiritual, levando comsigo a sella e mais arreios do cavallo do santo, e o mais que preciso for para seu estado; e tudo entregarão na casa dos arreios aos officiaes, e a estes darão a propina do estilo. »

« Na vespera do dia da procissão mandarão deitar bando pelas ruas d'esta corte, pelos pretos, indo estes armados com as suas insignias, para que a todos conste da saída do santo, e depois os mandarão recolher ás reaes cavalhariças, para na madrugada do seguinte dia conduzirem o cavallo do santo e seu estado, á egreja onde for a sua habitação. Chegado que seja o estado do santo, porão prompto o Pagem e o Alferes, do que logo darão conta aos juizes e aos mordomos e secretario da mesa espiritual, para se continuar a saida em boa ordem. E finda a procissão, acompanharão o santo e o seu estado ao castello da sua invocação. E toda a despeza que se costuma fazer n'este dia, não excederão do preciso e necessario; e no caso de haver excesso será por sua conta. »

Depois da extincção da Casa dos Vinte-e-quatro, a camara municipal é que veste os pretos, e os gratifica para esta funcção, e da casa real vem os cavallos tanto para o santo como para o seu estado.

D'antes, a faca em que montava S. Jorge, levava vida regalada, n'um estábulo que esteve por muitos annos ao pé de S. Domingos, nas casas do hospital que os da bandeira tinham para os aprendizes e operarios pobres. Havia a crença de que S. Jorge era advogado das crianças bravas, isto é, que por sua intercessão amançavam, por isso as mães extremosas faziam na roda do anno muitas offertas de palha e cevada para mantença do cavallinho do santo, com o que elle, e os que lhe tratavam do penso, engordavam que era um brinco! Bons tempos eram esses, em que até havia cevadeiras religiosas, tantas quantas são hoje as civis e militares.

Mas ainda em 1538, no reinado de D. João III, levava o seguinte prestito, que devêra compor um espectaculo famoso, tanto pela extravagancia das figuras, como pela riqueza que n'esta occasião ostentavam as diversas corporações mecanicas, em despique umas das outras. Não admira, pois, que as provincias se despovoassem para vir assistir a esta procissão.

1.º Os Besteiros.
2.º Os Almoinheiros com a Almoinha. [1]
3.º Os Pregueiros.
4.º Os Ganhadinheiros. [2]
5.º Os Albardeiros.
6.º Os Almocreves.
7.º Os Atafoneiros.
8.º Os Carniceiros com seu imperador e rei.
9.º Os Tecelões.
10.º Os Peliqueiros com o gato paul. [3]
11.º Os Oleiros, Telheiros e Vidreiros.
12.º Dois Diabos.
13.º Os Merceeiros, Especieiros e Boticarios.
14.º O Gigante e o Anjo.
15.º Os Correeiros com os castellos. [4]
16.º Seis Diabos.
17.º Os Curtidores.
18.º Tres torres com os moiros.
19.º Os Sapateiros com o Drago.
20.º Dois Diabos e dois Proviços. [5]
21.º Os Cortadores.
22.º Os Tozadores.
23.º Dois Diabos.
24.º Os Alfaiates com a Torre e a Serpe.
25.º Os Carpinteiros da Ribeira e Calafates com a Nau e Galé.
26.º Dois Diabos.
27.º Os Cordoeiros.
28.º Os Esparteiros.
29.º Dois Diabos e a representação da dama e galantes. [6]
30.º Os Pescadores de Cata que farás.
31.º Os Pedreiros e Carpinteiros com o engenho.
32.º Dois Diabos e um Principe.
33.º Os Vinhateiros.
34.º Os Tanoeiros.
35.º Outra Torre.
36.º Os Armeiros com o Sagitario. [7]
37.º Os Cerieiros e Candeeiros.
38.º Os Pecheleiros.
39.º Os Ourives da prata e do ouro.
40.º Os Corretores.
41.º Os Tabelliães com tochas de prata.
42.º Os Mercadores e Corretores idem. [8]

A este tempo parece que já se tinha prohibido algumas danças e folias, porque não as vemos mencionadas n'esta especie de ordem do espectaculo; sabendo-se por outras relações, antigas, que n'esta procissão ia a dança da retorta [9] em que entravam homens e mulheres mascarados, com acompanhamento de

[1] Almoinha era um carro que levavam os almoinheiros (hortelões) figurando uma horta.

[2] Trabalhadores do campo, a que hoje chamâmos ganhões.

[3] Provavelmente um gato de brejo, ou bravo. É tambem o que suppõe o sr. A. Herculano, a quem consultámos.

[4] Castellos chamavam a uma obra de talha que servia de remate á vara que levavam estes officiaes, talvez figurando um castello. O sr. Conego Negrão, grande sabedor das nossas antigualhas, nos assegurou que tambem os haviam de metal, e se acendiam. Póde ser que servissem de ceriaes para segurar as velas.

[5] Feiticeiros.

[6] Namorados. Hoje dizemos galans.

[7] Era um homem vestido de côres, fitas ouropeis e guisos fazendo visagens e momices, com arco e frechas na mão. *(A. Herculano.)*

[8] Vid. Annaes do Municipio de Lisboa.

[9] Certo bailado mourisco.

gaita de folle; a das espadas, com tamboril e pandeiros; a dos moleiros e moleiras, com violas; e outras mais, com suas folias e chacotas á mistura, que eram umas cantigas entoadas em côro, ao som de instrumentos pastoris.

Ainda no seculo XV levava esta procissão muitas danças, como vimos de um parecer do procurador da corôa, Manuel Lopes de Oliveira, datado de 10 de junho de 1688, sobre uma contestação que se levantou entre os officiaes da camara do Porto e o bispo d'aquella cidade, documento curioso, que daremos na secção de « antiguidades nacionaes. »

É tambem antiquissimo o uso de se armarem as janellas das ruas por onde passa a procissão, como se verá pelo bando que vamos transcrever, com a orthographia em que o achámos, o que fazemos por excepção, pois não escrevemos para os eruditos.

« *Pregão que se ha de dar ho dia ou dias antes do dia do Corpo de Deus.*

Ouvide o mandado do Juiz e Regedores da Cidade: Que todolos Juizes e mordomos dos Officios da festa do Corpo de Deus se fação prestes com todo ho que a seus Officios pertencer. E que sejão na See com elles ás sete oras pera sairem com a perciçáo. E que todolos officiaes de cada hũ Officio acompanhem sua bandeira e officio. E se vão logo dia do Corpo de Deus comformar ha casa do Juiz de seu Officio para ordenarem o que são hobrigados de fazer. E da y se irem todos á See com ho dito seu Juiz. Sob pena de qual-quer Juiz ou mordomo que até ás ditas sete oras não for na See com todalas cousas que pertencem a seu Officio pagarem cada hũ quinhentos reis. E qualquer official que logo como fformar hũ não for catar ho Juiz de seu officio pera com elle se hirem ha See pagará cem reis. E os que não forem á perciçáo acompanhar seu officio e bandeira pagarão duzentos reis. E os que sam obriguados a daar omẽs darmas e os não derem ou não forem taes como devem ser pagarão quinhentos reis. E todo official que não levar seu antremez na mão de panno ou bandeira ou de qualquer outra cousa que pareça cousa de festa pagará cem reis. E que todolos moradores da rua direita per honde a perciçam hadir tenham ha dita rua bem limpa e despejada. E tenham ramos e espadanas ás portas. E deitem ás janellas panos sob pena de dozentos reis qualquer que ho não fezer. E ametade das ditas penas serão para quem os acusar e a outra pera as obras da Camara da Cidade. E que todos aquelles que são obrigados de daar touros os deem bôos e de receber metidos e ençarrados na praça desta cidade a tempo devido sob pena de os Juizes dos ditos touros pagarem mil reis da cadéa para as obras da Camara. E de ficarem obrigados a daar he emtregar ho tal touro cada vez que lhe for mandado pelo Juiz e Regedores da Cidade. »

Por isto se vê que havia toirada no dia da procissão.

El-rei D. João V, instituindo a patriarchal, em 1717, deu nova ordem á procissão de *Corpus Christi*, que no anno de 1719 se fez com pompa e sequito nunca visto, por fórma que deu assumpto a um volume em folio de 240 paginas, composto por um dos laboriosos irmãos Barbosas Machados.

D'elle tomámos as seguintes noticias, sobre o aspecto e ornamento da cidade n'esse dia, que melhor nos fará conhecer a decadencia dos tempos presentes, em que a tão celebrada procissão do Corpo de Deus não é nem uma sombra do que foi.

(Continua)

Quem quer ganhar honra, não se ha de entregar ao descanço.

PADRE ANTONIO VIEIRA

A CASA DOS BICOS

(Vid. pag. 102)

V

O quinto quesito formado pela tradição e memorias ácerca d'esta casa celebre, é saber:

Em que tempo residiu n'ella o grande Affonso de Albuquerque?

Já desfizemos o erro de alguns escriptores affirmarem que Affonso de Albuquerque morava na Casa dos Bicos, porque mostrámos, com documento authentico, que ella fôra edificada por seu filho natural, annos depois da morte de seu pae.

Agora cumpre averiguar se tal asserção se referia ao filho, por haver tomado o mesmo nome glorioso.

Dissemos n'um dos artigos antecedentes, que o filho de Affonso de Albuquerque, além da Casa dos Bicos fizera uma grande residencia e quinta em Azeitão que denominou do *Paraiso*, e hoje se chama da *Bacalhôa*. [1] Era natural que alli quizesse viver, porque até edificou, tambem á sua custa, uma egreja a S. Simão, para sua sepultura, e para a dos ossos de seu glorioso pae.

É certo porém que fez alli pouca persistencia, porque tendo feito as pazes com el-rei D. João III, este o nomeou vedor da sua fazenda — cargo em que foi tão deligente (diz Barbosa Machado) no obsequio de seu principe, como desinteressado no augmento proprio. Este emprego lhe deu o soberano por ver que era dotado de insigne prudencia, alcançada com a lição dos livros e continua administração dos negocios do municipio, de que foi presidente, como já notámos.

Estes cargos o retinham necessariamente longe de Azeitão, onde quando voltou da Saboya tencionava acaso desterrar-se da corte.

Foi então que residiu na sua Casa dos Bicos, ainda chamada dos diamantes; não se retirando de Lisboa nem sequer durante a peste de 1569, quando já não era vedor da fazenda, por ter fallecido D. João III, mas sim presidente do senado. « N'esta grande calamidade, dizem as memorias do tempo, manifestou grande capacidade e providencia, applicando todos os meios para evitar os calamitosos damnos que em toda a cidade causava a peste, que com horrorosa voracidade tinha consumido a muitos milhares de homens, devendo-se á sua compassiva vigilancia o total exterminio de tão medonho flagello. »

O rei e a corte tinham fugido para Evora, e Affonso de Albuquerque contava quasi setenta annos. Vê-se que n'aquelles tempos não se corroiam e gastavam tão cedo, como hoje em dia, os homens publicos.

Se porém não póde em vida lograr-se de tão deliciosa residencia, como era a sua quinta de Azeitão, para lá foi dormir o somno eterno, conforme dispozera em seu testamento.

A verba em que Affonso de Albuquerque faz esta manda, foi-nos apontada pelo sr. visconde de Jorumenha, o profundo biographo do nosso Camões, [2] e grande sabedor de antiguidades nacionaes.

Eis o teor da dita verba:

« Digo e declaro, que por minha propria vontade, sem meu pae o mandar em seu testamento, como d'elle se verá, determinei tomar para sepultura de seus ossos, minha e de minha mulher e filha, a capella maior de Nossa Senhora da Graça da ordem de Santo Agostinho, para o que tinha feito contracto com os padres do dito mosteiro, no qual lhes do-

[1] Vá-se notando que o bacalhau tem sempre andado por estas aguas turbas da successão de Affonso de Albuquerque!

[2] Está a sahir dos prelos da imprensa nacional o 1.º vol. d'este estudo de muitos annos, e de infatigaveis diligencias do auctor.

tei certa fazenda com certas obrigações. E por os ditos padres não cumprirem comigo como eram obrigados, e pelo que em minha vida vi e entendi, que pois faltavam na vida, sendo presente, muito mais faltariam depois da morte; por a experiencia que disso alcancei, e por outros justos respeitos que me a isso levaram mando:

Que sendo caso, que dantes da minha morte não tenha mandado as ossadas de meu pae, mulher e filha á egreja de S. Simão, que mandei fazer, á minha custa, em Azeitão, que logo as façam mudar para a dita egreja, conforme a declaração do livro que d'isso tenho feito B.^{or} de Matta. E porque trago demanda com os ditos padres sobre lhe largar a dita capella, declaro por descargo de minha consciencia, e para tirar duvidas, que a marinha de Alhos-Vedros, e os Moios da Golegã, com a quinta do Meloal que tenho no Lavradio, tudo juntamente me deixou minha tia D. Izabel de Albuquerque, unido e vinculado em morgado, com a obrigação de dar cada anno uma pipa de vinho aos padres de S. Francisco de Enxobregas. Portanto não podia dotar a tal fazenda, conforme a minha consciencia; e se ao tempo que o fiz fôra lembrado de tal obrigação, por nenhuma via o fizera. Portanto mando:

Que tanto que a minha alma se apartar d'esta miseravel carne, meu corpo se leve á dita egreja de S. Simão, onde será sepultado no logar e sepultura que deixo declarado no dito livro.

No dia de meu fallecimento, se poder ser antes do meu corpo se sepultar, ou ao outro dia, chamarão os padres todos do mosteiro de S. Francisco de Setubal, com os mais padres seculares de S. Pedro que se acharem, e dirão todos missa pela minha alma, e farão um officio de nove lições, cantado e lhe darão de esmola o que parecer bem a meus testamenteiros, de que todos sejam contentes; e o mesmo se fará ao mez e ao anno, com a offerta que outro sim lhes parecer, sem vaidade nem vangloria, tudo para louvor e gloria de Deus. E o dito meu corpo será sepultado no habito de S. Francisco, e levado com a menos vaidade e vangloria que puder ser, porque em tudo quero muita humildade e nenhuma vangloria.

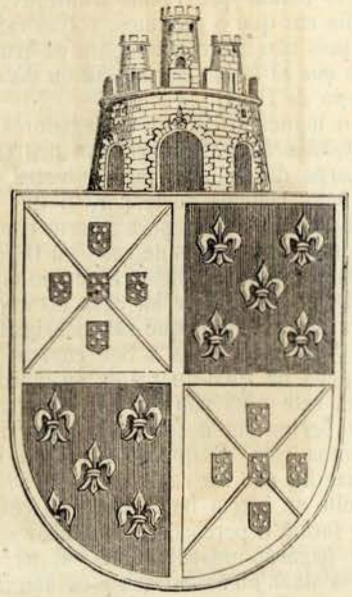
Porque sempre foi minha vontade acrescentar e augmentar o serviço do Senhor Deus, e honra de S. Simão, que tão esquecida estava, para effeito do qual mandei fazer a dita egreja, com muito gosto e contentamento, tanto quanto o Senhor Deus tenha de receber minha alma na sua gloria, pretendo tambem que n'ella se façam os officios divinos com muita veneração, os quaes o cura da dita egreja não póde fazer só: portanto quero e mando que na dita egreja haja para sempre, perpetuamente, dois capellães clerigos seculares de S. Pedro, virtuosos e de boas vidas, e cada um d'elles diga cada semana quatro missas resadas na dita egreja por alma de meu pae e mãe, e por minha e de minha mulher e filha, e de meus herdeiros, e amigos e inimigos, e almas desamparadas do purgatorio, com seus responsos sobre nossas sepulturas, que ficarão declaradas no dito livro B.^{or} da Matta.»

A respeito da paragem dos ossos do grande Affonso de Albuquerque, á vista d'este testamento, temos que fallar com alguma detença, o que faremos no capitulo seguinte.

ARMAS DOS ALBUQUERQUES, QUE ESTAVAM SOBRE A PORTA DA CASA DOS BICOS.

Já publicámos a pag. 96 a copla heraldica feita pelo bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gajo, ao escudo dos Albuquerques. Agora poremos aqui tambem, para ufania dos que tem este appellido, a que fez João Rodrigues de Sá, celebre coplista genealogico.

As cinco flores de liz
Com quinas em quarteirão,
Os Albuquerques trarão,
Os que del-rei D. Diniz
Trazem sua geração.
E por tocar este estado,
Bem merece ser louvado
Sangue que é com tal mistura,
Por tão honrada natura,
Digno de ser respeitado.



A IMPRENSA E A LINGUA MATERNA

Não é para aqui amplificar excellencias da lingua portugueza, assaz, e de sobra o tenho feito ha annos, e o tinham feito antes de mim outros, melhores do que eu. É uma lingua bella; é uma lingua rica; é uma lingua para tudo; quem o desconhece? por tudo isto, e por que é nossa, e porque é, como todas, susceptivel de ainda maior lustre, devemos amal-a, servil-a, defendel-a de desacatos, restituil-a ao seu throno, alteando-lh'o, e redoirando-lh'o, e n'elle mantel-a senhoril, como as mais soberbas, em vez de se andar á esmola, pintalgada de farrapos estrangeiros, e caindo de debilidade. A imprensa livre, isto é, a imprensa depois da invasão dos barbaros, se tem feito á sociedade alguns beneficios para a nossa vernaculidade, não se póde escurecer que tem sido, e está sendo, uma verdadeira machina infernal.

A. F. DE CASTILHO

O pão repartido entre muitos interesseiros, não contenta a todos.

PADRE ANTONIO VIEIRA

Explicação do enigma do numero 12

A mãe que cria seu filho, o é duas vezes.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.